

Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima
Ricardo Bezerra de Oliveira

Versos
para vermos

Ilustrações de
Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima
Ricardo Bezerra de Oliveira

Versos
para vermos

Ilustrações de
Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Diagramação: Bruno Oliveira
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima
Ricardo Bezerra de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732 Lima, Andressa Mayara Bezerra de Oliveira
Versos para vermos / Andressa Mayara Bezerra de Oliveira
Lima, Ricardo Bezerra de Oliveira. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0206-0
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.060220806>

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Lima, Andressa
Mayara Bezerra de Oliveira. II. Oliveira, Ricardo Bezerra de.
III. Título.

CDD 869.91

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



PREFÁCIO

A evidência do invisível

... apesar de tudo isto, notemos que nenhuma forma de violência física ou espiritual conseguiu impedir a manifestação das inclinações artísticas do escravo. Os africanos souberam aproveitar as melhores oportunidades para evitar a própria e total desumanização.

- Abdias Nascimento

A raça não é um dado da natureza, mas uma construção social e histórica – e em grande parte, *literária*. Por mais que essa afirmação seja contraintuitiva e problemática, é só a partir dela que podemos pensar a raça e o racismo criticamente, e só assim situar este trabalho na trama dos enfrentamentos ao racismo no Brasil.

A colônia que nos habita

O que nós, brasileiros, somos como sociedade é produto histórico de nossa genealogia colonial; o funcionamento das relações e das linhas subjetivas coloniais não se pode interromper por um ato de ofício – e se, oficialmente, não habitamos mais uma colônia, a colônia nem por isso deixou de nos habitar. A despeito do jogo de escamoteamentos promovido pela mistificação da “democracia racial”, que deu ao racismo à *brasileira* formas peculiares, os fundamentos do país se assentam no racismo europeu/cristão dos colonizadores e no assujeitamento pela violência, primeiramente dos chamados “negros da terra”, e depois dos “negros africanos”.

No idioma que herdamos de nosso passado colonial, a palavra “negro”, hoje associada a pessoas pretas, não designava uma cor de pele, mas uma dinâmica relacional. O negro era o não-branco, o não-cristão, o não-civilizado, o não-europeu: numa palavra, *o outro*. No imaginário colonial, a palavra negro tomava o lugar dos monstros e das feras bestiais, humanoides ou não, que na cartografia medieval habitavam as periferias dos mapas – Europa, ao centro. Nós transpusemos essas mesmas imagens e seus efeitos para o nosso arranjo social – e mantemos como alicerce do nosso *mise-en-scène* civilizatório a exclusão, o assujeitamento, a exploração.

O irônico é que, retirado o elemento europeu dessa topografia de identidades e alteridades, sobrou no Brasil “o outro” sem “o um” - o outro em sua amorfia e caótica heterogeneidade. Um país de negros: nem da terra, nem africanos - negros pretos, negros brancos, negros pobres, negros nem tanto. Na estrutura bipolar do racismo, o polo reservado ao branco ficou vazio e o que aqui se gestou foi uma versão remendada do racismo europeu: sujeitos coloniais/colonizados esforçando-se por meios diversos para ocupar o vazio brancocêntrico da estrutura do racismo Assim, cá no meio de nós, toma-se a

cor, ou melhor, a tonalidade da cor da pele como identificador racial, ao qual se unem outros marcadores: religião, patrimônio, vocabulário, origem social, e diversos signos estéticos (cabelo, formato de nariz e lábios etc) como definidores de negridade. Ao mesmo tempo, foram forjados – consequência cultural direta da política genocida de branqueamento – diversos dispositivos embranqueadores, que fazem surgir um gradiente racial a fim de falsificar o fato de que o país é única, mas pluralmente, *negro*.

Contudo, independente da cafonice que implica, o racismo no Brasil existe, funciona e organiza comportamentos e relações de poder: está nas nossas sinapses, nas nossas sintaxes, nas nossas libidos – preside a lógica da sucessão no Estado, no mercado e na posse das fortunas. Como os monstros medievais nas periferias das cartas de navegação, também os homens, mulheres e crianças (preponderantemente pretos) das periferias das cidades são temidos e odiados, revestidos de camadas discursivas de preconceito e estigma. Não possuem rosto – são uma massa indecifrável que só se pode mirar pelo prisma dos preconceitos para só se ver ali fogo, fúria e devassidão. Mesmo nos discursos considerados afirmativos, o negro continua sendo o outro – o “ele”, o “aquele”, o habitante do lugar “de lá”. Malgrado o esforço, o livro que o leitor tem em mãos não escapa dessa maquinaria – este prefácio, tampouco.

Invisível ou inolhável?

O questionamento urgente sobre o que se chama de “invisibilidade negra” – na literatura, na política etc. – carrega em si um outro questionamento ainda mais radical: é possível o negro/preto ser invisível no Brasil? Mesmo no interior da dinâmica do *racismo tropical* e seus estratagemas de legitimação, como é possível invisibilizar o evidente? Apenas por meio de uma operação perversa de aniquilação simbólica. Se Lacan afirma que o olhar é o objeto da visão, num país de racismo sonso como o nosso, o negro, o outro absoluto, é invisibilizado na medida em que se nega a ele o olhar. Invisível porque inolhável – trata-se de uma operação de exclusão, a presença ausente e fantasmagórica de um sujeito sem lugar.

Visibilizar excluídos – sem que se caia numa empreitada hipócrita de filantropia teórica – deve implicar a visibilização da maquinaria da exclusão: a questão do racismo e seus mecanismos, os quais sustentam o próprio sistema capitalista. E um dos mais eficazes mecanismos de perpetuação da desigualdade racial é a organização hierárquica dos signos. O racismo é também uma narrativa e uma linguagem – ele dispõe as personagens num cenário, distribuindo entre elas falas e silêncios, presenças e ausências, valores e desvalores. Posições de sujeito (sujeitado) às quais correspondem o que a sociologia positivista trataria como “papéis sociais”.

Os corpos são interpelados, chamados, convocados, a ocupar tais posições e desempenhar seus papéis como peças no sistema. A palavra “negro” interpela o corpo

preto, e a ele designa um destino – *de-signa*, ou seja, sobre ele imputa um signo: marca-o. Subverter os signos é subverter esses marcadores e desarranjar a engrenagem sistêmica da exclusão na dimensão da linguagem. Parcial, localizada, insuficiente, de pequena sobrevida e de alcance limitado, essa subversão tem a violência do mofo na parede de tijolos – o século verá a rigidez ceder ao pó. Não é sobre purificar o léxico, é sobre vandalizá-lo. Assim, parece-nos que um livro de poesia que tem como proposta problematizar a “invisibilidade negra na Literatura” traz em si mesmo a questão de ser a própria Literatura (essa mesma, com maiúscula) um dispositivo de invisibilização.

Descriar a raça

Argumentamos que a máquina do racismo no Brasil, muito embora seja eficiente para seus propósitos de exclusão, é também aleijada – o sujeito branco que tem lugar reservado no polo dominante inexistente no país, e é substituído *ad hoc* por versões capengas do branco europeu. Isso reforça a conclusão que o racismo, como estrutura estruturante que é, independe dos sujeitos para se reproduzir: é ele quem produz os sujeitos e replica-se a si mesmo nos sujeitos que produz. E, enquanto sujeitos forjados na fornalha do racismo tropical, nós o carregamos dentro de nós, somos seus vetores. E já é palavra de ordem que o racismo, ao passo que deve ser combatido em suas formas molares, em suas macromanifestações, precisa ser primariamente confrontado em nossos próprios corpos, em nossa própria fala e sensibilidade - em suma, em nós.

Se somos vetores de um racismo estrutural que nos atravessa e que nos compõe, independente de qual seja a cor da nossa pele, a rebeldia contra essa função de vetor deve ser nossa primeira tomada de posição na confrontação ao racismo. “A única forma de não ser racista é sendo antirracista”, afirma quem se põe na trincheira e na vanguarda. Porém, sendo o âmago da linguagem contaminado de racismo, corremos o risco de manifestá-lo justo quando pensamos combatê-lo: o racismo pertence à mesma categoria de coisas que o pecado original, está em nós de gestação. Assim que tal enfrentamento não é uma simples questão de ato, mas de aprendizagem.

O racismo é um sistema complexo, possui diversas engrenagens que possibilitam o seu “funcionamento” e a raça é o mecanismo base, ou seja, não foi a raça que criou o racismo, mas o racismo que naturalizou a exploração do “outro” gestando e legitimando uma bio-lógica em que características plurais tornassem diferenças hierarquizadas, criando as desigualdades e separando grupos humanos em subalternos e superiores. O racismo criou a raça – descriar a raça é uma operação antirracista.

Literatura e exclusão

O que se apresenta aqui enfeixado em livro não é um manifesto, um manual, um troféu, um presente. É um laboratório, um exercício de reflexão, produto de um esforço para se pensar como um país que ainda replica a engenharia das desigualdades coloniais, cujo

povo só pode ser o *negro*, o outro do europeu (independentemente de onde se situem as dermes na paleta em *dégradé* das exclusões), que possui uma população majoritariamente preta e que tem não uma, mas diversas dívidas históricas com os descendentes e com a (s) memória (s) dos escravizados, é capaz de tanto esforço para silenciar tais existências num campo de produção discursiva que tem a visibilização do invisível como uma de suas diretrizes - a literatura. Como transformamos a pele escura numa zona cega da nossa consciência social coletiva. Como urge romper as mordanças que não silenciam, mas violentam a voz – mesmo que, por ora, ainda se lute pela (nem tão) simples tomada de consciência de que existe a tentativa de sufocação e pelo atijamento do fogo da memória da presença negra nesse campo de produção do discurso e de disputa por poder (a escrita literária).

Versos para vermos

Mas não nos enganemos: se a maquinaria do racismo trabalha para silenciar o (s) corpo (s) e o (s) povo (s) negros no Brasil, isso não significa que consegue. O poema de Graciele Moraes, por exemplo, mostra muito bem como as vozes e presenças negras ressoam e ocupam, como o negro se faz sujeito (e não apenas sujeitado) de sua própria história e da história do país. Como ele toma espaços na Literatura que exclui - resistentemente, forjando formas de existir e re-existir. Reverberações de um povo, resistências que tecem confluências e melodias – canções de guerra, canções de amor, de lamentos e de festa. Canções que desconhecem fronteiras, conectam e comunicam com a alma e a natureza. Neste livro, vemos vibrações desses cantos eclodirem e chamarem à indignação *cada um de nós*, porque se há uma invisibilidade negra na literatura é porque *cada um de nós*, muitas vezes, invisibiliza o negro que é - no esforço de exhibir o branco que jamais será. Trata-se de devolver a evidência ao invisível.

Considerando que esta coletânea partiu de um questionamento sobre a invisibilidade negra na literatura, e que a cada poema aqui colecionado está associada uma ilustração da Andressa Mayara, para finalizar este prefácio que mais perturba do que apresenta a obra, vou tomar a liberdade de sugerir-lhe como título o alterado, não muito criativo, mas com certeza conveniente: *Versos Para Vermos*

Isaac Souza e Elane Lima

Caxias, março de 2022

SUMÁRIO

A DOR DE UMA FERIDA SOCIAL	1
PRETO DEMAIS PARA SER PROTAGONISTA.....	2
NEGRITUDE RAMBEAU	3
TRIBUTO AO FALCÃO NEGRO	5
INDESTRUTÍVEIS	6
INFELIZ.....	8
PALAVRAS NEGRAS	9
UM TRIBUTO À DINASTIA RICHARDS	11
SOBRE OS AUTORES	12

A DOR DE UMA FERIDA SOCIAL

I

Preso, ainda, no pelourinho do preconceito
O negro sente na pele o açoite da desvalorização;
Como falta de ar, sente o sufocar de seu direito.
Mãos do poder querem apagar a sua contribuição.

II

É impiedoso sobre a pele preta o olhar social
Os olhos demonstram desprezo em lugar de respeito.
Crime cometido, o rapaz da cor da noite é o suspeito principal.
Balas alcançam mais rápido um preto peito.

III

No país da liberdade, nem todos estão livres realmente.
Vidas negras são aprisionadas pela violência institucional.
A ferida escravista ainda abre e dói constantemente.
Só não vê isso quem é um verdadeiro cego social.

Elizeu Arruda de Sousa

PRETO DEMAIS PARA SER PROTAGONISTA

I

O Negro não tem cor
O Negro marginalizado
Pela história inferiorizado.
Na literatura sulbaternizado

II

Queres saber o que dizem?
Prepara-te para o eurocentrismo
Estereótipos que ainda vivem
Da branquitude e do egoísmo.

III

De Monteiro Lobato
A “preta beijuda”
Em Castro Alves
“A escrava desgraçada” Bertoleza é “crioula suja”
Jelu hipersexualizada.

IV

Isaura, tu sabes o teu lugar
Não te queixes de tua sorte
Senzala é sempre senzala.
Mesmo que tu sejas escrava nobre.

V

Negras são as vozes
Que ecoam inexpressivas
Sempre coadjuvantes
Nunca protagonistas.



Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima

NEGRITUDE RAMBEAU

I

Com seus cachos e abraços transgressores, surge ao som da cinética energia poética

Instabilidade, intrepidez e protagonismo dimensional

Líder, negra, altiva; velocidade e intangibilidade às críticas e às artimanhas eurocentradas

Enfrentou a doença; não buscou aceitação; buscou imposição.

II

Lugar de fala; lugar de comando; lugar de esperar.

Afroamericanidade; pioneirismo ao lutar.

Manipula a resistência em face da sulbaternização; pioneira em comandos; à espera de um abraço que não voltou

Aparência, habilidade e bombardeio de críticas

III

A tenente, a capitã: o fóton do pioneirismo negro norte americano

Voou contra as investidas da segregação

Se move e reage em face dos auspícios modeladores

Atravessando a sólida margem da enganação, do desprezo e do desolhar.

IV

Absorve a dor do ter que reexistir

Liderança, esperança. Olhos grandes e profundos

Invisibilidade no lutar; encanto no examinar

Sobe alto e logo vem a derrocada pelo sistema analítico e abatedor de dominação

V

Taxada; referenciada

Abalou as estruturas sociais rompantes; se impôs entre os campos magnéticos.

Rompeu as estruturas segregacionistas de poder; cabelos densos; mãos fortes.

Argolas; cores fortes; o preto e o branco.

VI

Espectro de tradições; jornada de contraposições.

O mover dialético; a tecitura da solidão; os raios da exposição.

Troca de identidades; flashbacks ao luar; ondas de rádios em face do poder.

Poder que oprime, silencia e a joga para fora da redoma

VII

Investidas contra hegemonia; transposição e transparência.

Rambeau: liderança, exposição, transgressão, manipulação.

Artefatos do saber; do conhecer; oposições.

Estratégia do aparecer; do protagonizar; investidas.

Lugar de fazer; lugar cósmico do conhecer.

Um tributo ao jeito Rambeau de ser.

Ricardo Bezerra de Oliveira

TRIBUTO AO FALCÃO NEGRO

I

Entre os músculos de Ébano
Penugem rasteira; asas velozes.
Olhos enegrecidos.
Destemido, reflexivo;
Posicionadamente liberto em face das transgressões

II

Tenebrosas e eurocêtricas.
Anseio pelo voar, pela liberdade e igualdade.
Recebeu um escudo para lutar;
Recebeu um manto para vingar.
Tudo lhe foi confiscado, retirado;

III

Violentado por etnias superiores politicamente consideradas.
Apagado pela supremacia norte americana.
Abatido em sague, suor e correntes.
Sam Wilson, capitão forjado nas segregações e espacialidades dominantes.
Entre a sua beleza do luar;

VI

As lágrimas da perda, do esconder-se e do não aceitar-se.
Entre os infinitos das perdas;
Da marginalização e de um lugar de fala;
Apagado e silenciado pelas sombras do amanhecer.
Espaço para impor-se.

V

Alma veloz.
Fulgor, razão e coração.
Atravesse o portal da negação.
Voe alto Capitão!

INDESTRUTÍVEIS

I

Tenho visto tanta dor por causa da cor
Logo me pergunto: será que na prática temos amor?
Um campeão, comparado ao breu do chão.
Do futebol, um astro da pátria, chamado de primata.

II

Um congolês, mataram
Só porque ele cobrou o salário.
Sufocaram a voz de um preto
Ao protestar e ninguém o ouviu,

III

Dizendo: eu não consigo respirar.
O preto não quer ser melhor,
O preto quer se igual,
Será que isso não é normal?

IV

Por isso, quando falo da luta preta
Eu falo da igualdade, da dignidade e da irmandade.
Os filhos de Wakanda estão espalhados no mundo,
Eles ajudaram a erguer cidades,

V

Muitas vezes sem dignidade.
Ajudaram a escrever a história,
Mesmo sendo apagados da nossa memória.
Realizaram muitas conquistas,

VI

Mas algumas foram perdidas de vista.

Apesar das dores, do chicote e das incontáveis mortes,
Este povo insiste em lutar.
Insiste em sorrir, em compor

VII

Em sonhar, em inventar e se reinventar.
Povo forte, povo feliz,
Povo aguerrido, povo bonito.
O sonho de Luther King ainda vai se completar,
Por isso vale a pena sonhar e por certo, lutar e lutar

Frank Aguiar Rodrigues

INFELIZ

I

Os donos da terra
Senhores de escravos
O preto na vida subalterna
O branco privilegiado

II

Fenótipos que segregam
Essa cor, esse destino
Não temas, tu que és preto
Essa dor, o desatino

III

A cruel realidade
Que ainda subsiste
Uma ferida na negra comunidade
Causadas por armas em riste.

IV

Uma menina negra
Pedia para ter o olho azul
“Que loucura!” Disseram
Tu és preta, *entreluo!*

V

Povo lutador, mas renegado
Angústias, frustrações e receios
Não há o que ser protagonizado
Nessa sociedade de desrespeito.

Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima

PALAVRAS NEGRAS

Negro, a cor negra
Inerente ao mal, escuridão
O aspecto do desespero arrastado
A condição humana
Desespero foi Carolina Maria de Jesus
No quarto de despejo do país
E da literatura dita brasileira,
é preciso ser dito afro-brasileira
E quantas e tantas Carolinas perduram
Neste solo cruel
Tecendo suas realidades para além da favela
do Canindé
Num movimento confuso, brutal, ousado
e até de outro mundo
de reescrever sua história
Neste momento escorre o sangue numa caneta
no papel ou onde a poesia negra chegar
Sinta o aroma exalando potência e resistência
E entenderá certas dores
Sou porque fomos e somos
neste lugar de fala
Onde se acirra a carroça do racismo
Mas temos a literatura e ninguém nos tira
Com isso, estamos firme para atacar
Nas trincheiras das palavras
no campo que há tanto tempo nos foi negado
Agora trilho esta estrada pavimentada
pelos meus ancestrais
daqui à imortalidade das ideias
Deixo estas palavras negras
Que é bem, luz, esperança e beleza
É muito mais que palavras



É luta, existência, é política, é arte
É autenticidade e coragem
Vamos escurecer as coisas!
E de uma vez por todas
Revidar as chibatadas diárias, a exclusão violenta
O abafo de nossas vozes, a mutilação dos nossos
Corpos e mentes
E não há outra forma se não for pela via armada
Das palavras que carrego carimbadas
na minha alma e pele preta.

Gracy Morais

UM TRIBUTO À DINASTIA RICHARDS

O grande soberano de Ébano; despota do Egito e visionário interplanetário.

Humano, implacável, ardil, tecnologico; o conquistador; doce, sorridente e construtor de impérios.

O primeiro jovem negro a adentrar numa armadura de ferro.

O grande centurião que não deu lugar a discriminação, ao medo e à não aceitação.

Entrelaçado por várias camadas da realidade, tempo e do espaço, dispostas em primas multiversais.

Imperador das dimensões e instaurador da ordem e do caos.

Forjado no sangue da resistência, do conhecimento da intrepidez.

Destruidor das correntes da opressão.

Em busca da amada perdida, dizimou fluxos temporais.

Aquele que permanece e que está acima dos guardiões de uma herança conservadora e autoritária.

Astuto, tenaz e fortemente preparado para opor suas raízes a opressão eurocentradas.

Líder sócio político; reescreveu sua história; resetou suas inquietações; podou desventuras, fragmentos e ramificações indesejadas.

Não aceito, não acolhido pelos seus pares.

Impôs-se freneticamente aos demandas e às tentativas de acorrentá-lo.

Cosmologicamente definido; destituído de reinos.

Em guerras secretas; em agências quânticas; em pirâmides suntuosas.

Paladino da justiça impositiva; deturpador e salvador dos porões negreiros, das lápides.

Apresento-lhe o arquiteto do tempo: o imperador.

Prepara-te porque em vislumbre, contemplarás impávido: Kang, o conquistador.

Ricardo Bezerra de Oliveira

SOBRE OS AUTORES

ANDRESSA MAYARA BEZERRA DE OLIVEIRA LIMA - Possui graduação em Direito pela Faculdade do Vale do Itapecuru - FAI (2013). Possui graduação no curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA (2020). É pós-graduada em Direito Civil pela Universidade Anhanguera/Uniderp (2016). Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, no Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGEL em Estudos Literários (2020).

ELIZEU ARRUDA DE SOUSA - Possui graduação em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Caxias/UEMA (1998). Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (2006). Doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (2019).

FRANK AGUIAR RODRIGUES - Bacharel em Direito pela Faculdade do Vale do Itapecuru - FAI (2005/2009). Especialista em Direito e Processual do Trabalho junto a Universidade Anhanguera (2010/2011). Mestre em Direito junto ao Centro Universitário Eurípedes de Marília - UNIVEM (2016/2018).

RICARDO BEZERRA DE OLIVEIRA - Possui Graduação em Direito pela Faculdade do Vale do Itapecuru (2011). Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL (2021). Pós graduado em Direito Público pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão - FACEMA (2012). Pós graduado em Direito do Trabalho pela Faculdade UniBF (2021). Pós graduado em Direitos Humanos e Questões Étnico-Sociais pela Faculdade UniBF (2021). Pós graduado em Ensino de Ciências Sociais pela Faculdade UniBF (2021). MESTRE EM DIREITO DA SAÚDE: DIMENSÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS (2019) pela UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA - UNISANTA (Santos-SP). DOUTORANDO em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES (2019).

GRACY MORAIS - Gracy Moraes é poeta, Licenciada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Produtora Cultural e cursa Canto popular na Etec de Artes- SP.

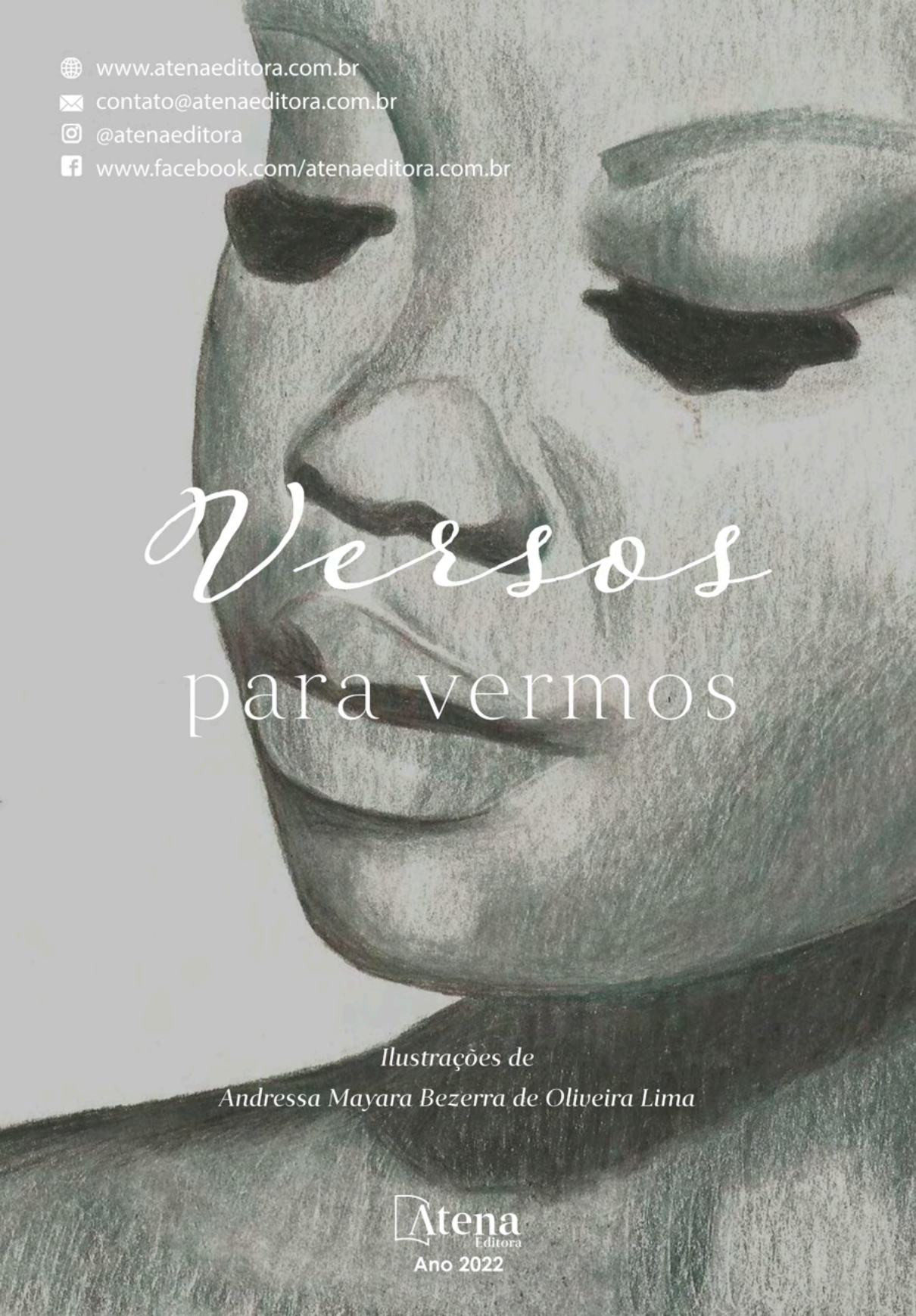
🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Versos
para vermos

Ilustrações de
Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima

 **Atena**
Editora
Ano 2022



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Versos para vermos

*Ilustrações de
Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima*

 **Atena**
Editora
Ano 2022